

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

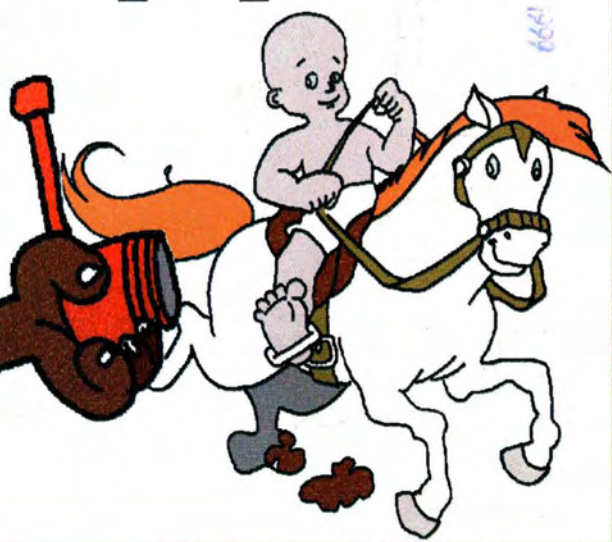
DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



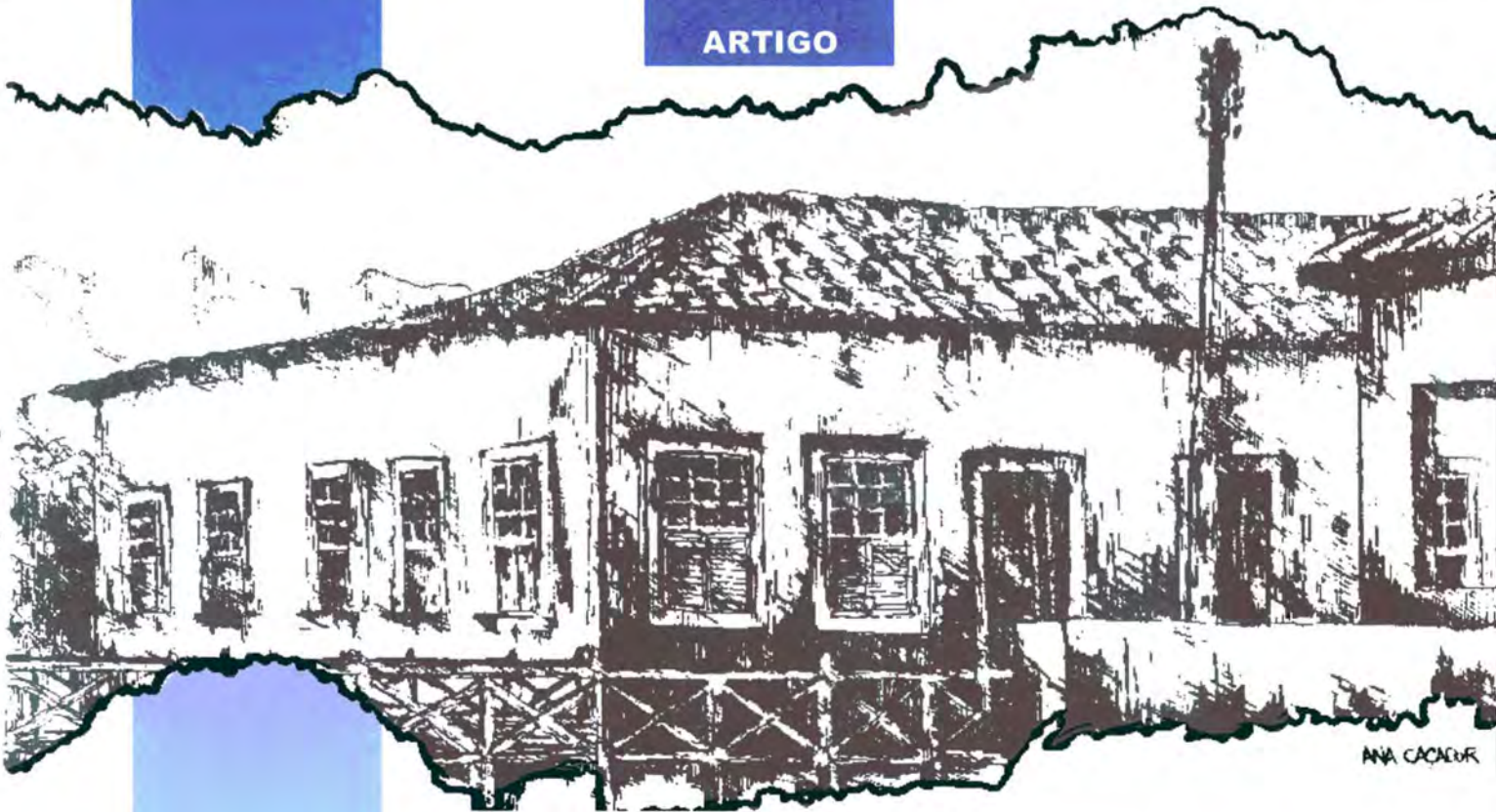
Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|



CASA VELHA DA PONTE

de Cora Coralina

□ PAULO BERTRAN

D. Cora dizia que seu avô na casa já nascera, o que nos leva para os arredores de 1830 ou 1840, desde quando suponho ter pertencido à família. Nessa época ainda estava em plena atividade o português João José do Couto Guimarães, o mais antigo ascendente em Goiás da família materna de Cora.

A história da cidade de Goiás começa nos alicerces da casa de Cora Coralina e continua na insidiosa goteira que, em um dos seus poemas, atinge a viga-mestra das vetustas casas.

De fato há um acordo entre os cronistas antigos de ter surgido, em 1726, nos cascalhos do rio Vermelho, sob a ponte do Meio, já dita do Telles, já dita do Rosário, no futuro quem sabe de D. Cora, o primeiro ouro bamburrado em Goiás Velho ou cidade

*“ Olho e vejo tua
ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado
pelo tempo, marcado das
escaras da velhice.
Desde quando ficaste
assim? ”*

(Cora Coralina)

de Goiás, a primeira capital, depois mudada para Goiânia nos anos ditatoriais da Revolução de 1930.

Numa só bateada, lembra o padre Silva e Souza, meia libra de ouro libertou-se ali dos aluviões do rio. Uma bagatela de 230 gramas de ouro, algo hoje em torno de 2.500 dólares, ganhos talvez numa meia hora de socavação, sendo que na época o valor relativo do ouro era muito maior do que hoje.

Essa bateada, famosa a ponto de fazer-se lembrar um século depois, pode ter por muitos anos sacralizado o terreno onde depois ergueu-se a casa de D. Cora, a Casa Velha da Ponte.

Uma planta de Vila Boa, apócrifa e não datada, da coleção do Arquivo Ultramarino de Lisboa - e que reputo, pelas igrejas assinaladas, como produto da década de 1770 - mostra claramente o espaço que hoje ocupa a casa de D. Cora como um terreno baldio, por onde serpenteava um trilheiro em direção à Rua Nova do Ouvidor, a atual da Abadia.

É já a época do agonioso descenso mineratório. Quase três anos de secas pronunciadas dificultavam muito a lavagem das terras auríferas que, paradoxalmente, cada vez mais iam morros acima, tanto mais longe de águas e tanto mais difícil de extrair, com os recursos tecnológicos da época. O ouro que se devia ainda extrair no lote da casa, estendendo seu filão pelo vizinho beco Vila Rica, deve ter-se de todo exaurido.

Imagino assim que, num belo dia, entre meados dos anos 1770 e começo dos de 1780, o Senado da Câmara de Vila Boa de Goiás liberasse o famoso terreno da Ponte para a construção da casa.

Na época citada, um cidadão proeminente, certo Antonio de Souza Telles de Menezes, juiz ordinário da Câmara de Vila Boa, fidalgo de alguns costados importantes, como os da trágica



Foto: Cidinha Coutinho

***A poetisa Cora Coralina
recebendo a
Folia do Divino,
em 8 de abril de 1985,
em Goiás***

Leonor Telles, aparentado no Rio de Janeiro com os grandes comerciantes que construíram o arco do Telles, começou a erigir a casa, triunfo do colonizador cidadão comerciante sobre o colonizador garimpeiro.

Na planta geral de Vila Boa, executada em 1782 pelo soldado dragão Manoel Ribeiro Guimarães, a casa já aparece edificada.

Antonio Telles de Menezes, português, foi contratador de impostos, dono de grande casa comercial e com correspondentes nas principais cidades brasileiras. Solteiro e rico. Muito rico.

Parece ter apoiado vacilantemente a oligarquia dos Cunha Menezes, a mais longa e tormentosa que Goiás

sofreu, tanto que, em 1788, investiu-se no cargo de capitão-mor de Vila Boa e sua Comarca, cuja jurisdição na época compreendia todos os atuais territórios de Goiás, Tocantins, Distrito Federal, o Triângulo Mineiro e ainda uns nacos de Mato Grosso e do Maranhão.

Pois tão grande personagem desmoronou, lá pelo comecinho do século XIX, sob o jugo de pesadíssima devassa, incriminado na deposição - crime de lesa-majestade - do governador da capitania, D. João Manoel de Menezes. Parece que morreu antes do julgamento, em circunstâncias não reveladas. Teve seus bens seqüestrados pela Coroa.

Há uma longa carta sua - que publiquei na *Notícia geral da capitania de Goiás* - com denúncias tão graves quanto aos costumes dos poderosos de sua época - que aí, imagino, adquiriu dezenas de inimigos que o levaram ao triste fim.

Teria todo esse suposto drama

compreendido a tradição que D. Cora descreveu, de um certo Thebas Ruiz, seu antepassado (por outro ramo que não os Couto Guimarães), ter-se envenenado e a um escravo, num episódio de enterro de ouro ilegal nas profundezas da casa? Não raro a tradição oral confunde atores com fatos. Seria esse Thebas Ruiz, sobre cuja existência nada se conhece, em verdade o capitão-mor Telles de Menezes?

Fato é que, morto Antônio de Souza Telles de Menezes, seu patrimônio caiu nas garras do fisco colonial, como se vê em diversos registros guardados no Museu das Bandeiras.

Em 1806 o fisco andava atrás de um seu sobrinho, João, que morava em Jaraguá. E pouco tempo depois a atual casa de Cora foi à hasta pública, entre 1811 (quando ainda

Imagino assim que num belo dia, entre meados dos anos de 1770 e começo dos de 1780, o Senado da Câmara de Vila Boa de Goiás liberasse o famoso terreno da Ponte para a construção da casa de D. Cora, a Casa Velha da Ponte.

a encontro pertencendo à herança dos Telles) e 1813, quando já a encontro em mãos do capitão José Joaquim Pulquério dos Santos, dono de várias casas de aluguel em Vila Boa, o qual talvez vivesse de aluguéis, naquela desanimada Capitania.

Na época, a Casa da Ponte sem dúvida era elegante e requisitada. Esteve alugada em 1811 ao secretário de governo da capitania, Cel. José Amado Grehon, por 57.600 réis.

A CASA DE CORA CORALINA NA SUA FAMÍLIA

Depois da bem documentada balbúrdia do período colonial, pouca coisa consegui sobre a história da casa no século XIX.

Deve estar tudo, porém, toda a história urbana dos oitocentos, nos depósitos do Cartório do 1º Ofício ou então no nosso Arquivo Histórico da Cidade de Goiás. Mas quem há de ter coragem de investigar aquelas milhares de informações em busca dos destinos da Casa Velha da Ponte?

Fato é que no período que vai de 1820 - quando ainda pertencia ao capitão Pulquério (que também foi contador da Junta da Fazenda, vencendo polpudo salário) - a 1854, quando o cônego Manuel José do Couto Guimarães foi tesoureiro da Fazenda Provincial, também com gordo salário para o tempo, desconheço o paradeiro da casa. O cônego, na Fazenda Provincial, devia ter como funcionário, nesse tempo, o humilde amanuense, atendente de guichê burocrático, certo Manoel Cardoso de Oliveira, filho mulato de um vigário de Pilar, mas que de qualquer forma descendia do

Pablo Neruda

Perdoa-me poeta.

Tão tarde o conheci!

Tantos cantores pelo mundo...

*Para minha ignorância
eras mais um dentre eles.*

*Foi assim que não pedi a
Deus*

poupar-te a vida

e ficares para sempre

*semente viva, incorruptível,
de beleza excelsa e universal.*

Ninguém me disse antes.

Ninguém me disse nada.

*Ninguém me fez a doação
fraterna*

de um livro teu.

*Perdida no meu sertão
goiano,*

Só o teu nome, Pablo,

Só teu apelido crespo,

Neruda,

Chegaram a mim...

*E eu a pensar que foste ape-
nas*

*um grande poeta entre outros
grandes...*

Cora Coralina





Foto: Rui Faquini/1996

Anhangüera, descobridor de Goiás, pelo lado de seu genro, João Leite da Silva Ortiz, um potentado rico, fundador e dono de Sete Lagoas e de Curral D'el Rei, atual Belo Horizonte, que completa 100 anos como capital de Minas Gerais. Esse amanuense é o trisavô, em linha direta, do presidente Fernando Henrique Cardoso.

D. Cora dizia que seu avô na casa já nascera, o que nos leva para os arredores de 1830 ou 1840, desde quando suponho ter pertencido à família.

Nessa época ainda estava em plena atividade o português João José do Couto Guimarães, o mais antigo ascendente em Goiás da família materna de Cora... "um sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial"... escreveu Cora.

O sargento-mor, depois tenente-coronel João José do Couto Guimarães, foi grande figurão, deputado da Junta de Governo Provisório de Goiás por ocasião da Independência, depois tesoureiro-geral da Fazenda da Província, de 1835 até 1843. Faleceu em 1856.

Deixou, conforme seu inventário, os filhos Manoel José do Couto Guimarães (cônego Couto), o padre Luiz do Couto Guimarães e Antonia Maria do Couto Guimarães (mãe laiá), casada com Jacinto Luiz Brandão, além de um "desme-

moriado" João José Jr.

Deste antepassado, o cônego Manoel José, dizia D. Cora... "Um cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro, prataria... tinha feito suas Humanidades em Coimbra e só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro"... Encontro o cônego Couto como tesoureiro da Fazenda Provincial, desde 1854 até 1861. Faleceu em 1880.

Foi esse cônego o generoso mecenas e o oficiante do casamento de seu sobrinho, filho da irmã Antônia (mãe laiá), certo Joaquim Luis do Couto Brandão, de família velha em Vila Boa de Goiás.

Joaquim Luis casou-se com uma prima, Honória, também sobrinha do cônego, o qual pelo consórcio dos sobrinhos faz na Casa da Ponte uma festa enorme, memorável, regada a vinho português, servidas as vitualhas em 92 peças de louça chinesa, o aparelho "azul pombinho", que tão belos poemas inspirou a D. Cora.

Desse avô Joaquim Luis escreveria Cora: "Um capitão da Guarda Nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios, sem percalços de reformas"...

Joaquim Luis foi o pai de Jacynta Luisa do Couto Brandão, casada com

Igreja da Boa Morte e o Paço dos Governadores

o desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, nordestino, os pais de D. Cora:... "Um desembargador da Monarquia - meu pai - minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu, afinal a última sobrevivente de gerações passadas"... Parece que sua mãe era uma intelectual que lia livros em francês e inglês sem nunca ter saído da cidade de Goiás. Eis um mistério terrível. A mãe de Cora. Pela memória de Coralina, só devotada à avó, pode ter tido uma enorme influência na poetisa, jamais revelado em suas obras: o complexo de Eletra. É o lado oposto, feminino, do complexo de Édipo.

E eis o que pude saber da Casa Velha da Ponte, uma biografia sumária desse velho navio aportado no rio Vermelho, rio das Cambaúvas por seu nome indígena. Um quase nada onde a riqueza dos tempos fez nascer e fez brotar poemas e doces de uma extraordinária mulher do século que dobrou esquina em 1989: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, Aninha, Cora Coralina.

Paulo Bertran é pesquisador do Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central e professor da UCG.